

Ecoss da Revolução: a invasão da Baía dos Porcos na grande imprensa brasileira (janeiro a abril de 1961)

Echos of the Revolution: the Bay of Pigs invasion in the Brazilian big press (from January to April of 1961)

Charles Sidarta Machado Domingos

Doutor em História

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense

csm@terra.com.br

Karolayne de Lima Recoba

Graduanda em Fisioterapia

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

karolaynerecoba@gmail.com

Alice da Cruz Busatto

Graduanda em Relações Internacionais

Universidade Federal de Santa Maria

alicebusatto@gmail.com

Recebido em: 20/03/2021

Aprovado em: 21/06/2021

Resumo: Este artigo aborda os acontecimentos da História de Cuba entre as décadas de 1950 e 1960 do século XX. Tem como tema principal a Revolução Cubana e como delimitação o evento conhecido como invasão da Baía dos Porcos. Nosso objetivo geral é analisar como a grande imprensa brasileira representou essa invasão e como objetivos específicos queremos demonstrar a complexidade do processo revolucionário cubano e entender de que formas a tentativa de invasão de Cuba trouxe a Guerra Fria para as Américas. Há relativa escassez de trabalhos em língua portuguesa que privilegiem a tentativa de invasão da Baía dos Porcos; porém, esse evento está sempre presente nas obras que se preocupam, em perspectiva histórica, com a Revolução Cubana. Desse modo, utilizamos como fontes secundárias de pesquisa a bibliografia sobre a Revolução Cubana e biografias sobre Fidel Castro e como fontes primárias quatro importantes jornais da grande imprensa brasileira do período: *Diário de Notícias*, *Última Hora*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, todos da cidade do Rio de Janeiro, que até abril de 1960 era a capital do Brasil, e disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Palavras-chave: Invasão da Baía dos Porcos; Revolução Cubana; Guerra Fria

Abstract: This article covers the events of Cuba's History between the 1950s and the 1960s of the twentieth Century. The main subject is the Cuban Revolution and, more specifically, the event known as Bay of Pigs Invasion. Our main objective is to analyze how the Brazilian big press represented the invasion and our specific objectives are to demonstrate the complexity of the Cuban revolutionary process and to understand how the attempt to invade Cuba brought the Cold War to the Americas. There is a meaningful scarcity of papers in Portuguese that favor the attempted invasion of the Bay of Pigs; however, this event is always present in pieces that are worried, in a historical perspective, with the Cuban Revolution. Thus, we used as secondary sources of research the bibliography about the Cuban Revolution and Fidel Castro and as primary sources four important newspapers from Brazilian mainstream press in the 50s and 60s: *Diário de Notícias*, *Última Hora*, *Correio da Manhã* and *Jornal do Brasil*, all of them from Rio de Janeiro, city that until April's 1960 was the capital of Brazil, and available on the *Hemeroteca da Biblioteca Nacional*.

Keywords: Bay of Pigs Invasion; Cuban Revolution; Cold War

Introdução

Em 1 de janeiro de 1959, após uma luta de libertação nacional que foi avançando ao longo da década de 1950, a Revolução Cubana chegou ao poder embalada pelo sentimento de nacionalismo tributário de José Martí. Em seus dois primeiros anos, 1959 e 1960, a Revolução Cubana contava com grande simpatia mundo afora – inclusive em vários setores da sociedade brasileira. Todavia, conforme a Revolução Cubana avançava em seu projeto de transformação social, muitos interesses, internos e externos, passavam a ser contrariados. Até que, em abril de 1961, os Estados Unidos da América (EUA), sob o mandato do presidente John Fitzgerald Kennedy (JFK), patrocinam a tentativa de invasão de Cuba por tropas compostas, predominantemente, por cubanos descontentes com o avanço da Revolução e que se exilaram.

A invasão da Baía dos Porcos se tornou notícia no mundo inteiro. Era o tempo da Guerra Fria e a Revolução Cubana embalava sonhos e medos por todo o continente americano, inclusive, no Brasil, que vivia, à época do evento, o governo de Jânio Quadros que inovava a política externa do país, através de sua Política Externa Independente (PEI), que procurava manter uma relação de autonomia frente aos blocos capitaneados pelos Estados Unidos e pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Em razão dessa situação inovadora que o Brasil vivia em sua política externa, nosso objetivo geral neste artigo é investigar as repercussões que a invasão da Baía dos Porcos produziu em nosso

país através da análise de quatro jornais bastante expressivos da grande imprensa brasileira como fontes primárias de pesquisa: *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Última Hora* e *Jornal do Brasil*. Esses periódicos são todos da cidade do Rio de Janeiro, que até poucos meses antes, era a capital do Brasil – o que ajudava a conferir a esses jornais uma situação privilegiada em termos de alcance de público leitor e de inserção nacional. A análise dessas fontes primárias, em conjunto, permite uma melhor compreensão das diferenças políticas que permeavam o Brasil no início dos anos 1960, trazendo uma maior originalidade e interesse ao nosso trabalho.

Revolução Cubana na Imprensa e na História

Em termos metodológicos, a utilização dos jornais como fonte para a pesquisa histórica toma forma na segunda metade do século XX. Até então, os jornais eram vistos como fontes menos importantes, nas quais a história mais passível de ser modificada e alterada e acreditava-se que apenas fontes objetivas, neutras, sem alterações visíveis e que tivessem data distante do ocorrido seriam legítimas enquanto matéria para a escrita da História - e os jornais eram vistos como produtores de imagens distorcidas e superficiais. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, os historiadores começaram a pensar em ampliar suas barreiras. Revelou-se um caráter histórico aos textos, forçando-se uma discussão que ultrapassou as barreiras de novos objetivos, alterou-se o modo de pesquisar os textos, sendo hoje devidamente reconhecido como uma fonte histórica tão legítimas quanto as outras.

É de extrema importância destacar que o pesquisador dos jornais trabalha com o que se tornou notícia, o que já desencadeia várias questões, pois: “(...) será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação (...)” (LUCA, 2006, p.140). Dessa maneira, é necessário analisar o material de acordo com a problemática que foi escolhida. Entender o contexto ao qual a matéria foi escrita e como ela reflete nos dias de hoje e no tempo publicado. Encontrando outras obras e comparando com o que foi descrito nos jornais, mostrar de que maneira foi abordado o conteúdo e o contexto do fato escolhido, no nosso caso, a Revolução Cubana, evitando-se assim o maior pecado para os historiadores: o anacronismo.

Não é possível entendermos a invasão da Baía dos Porcos sem conhecermos a História da Revolução Cubana Foi a partir do golpe de estado desferido por Fulgêncio Batista em 1952 que se

estabeleceu uma violenta ditadura subordinada aos interesses dos Estados Unidos. Um ano depois, Fidel Castro, inconformado com o rumo dos acontecimentos, organizou uma ação contra o governo. Junto a grupos pequenos e independentes de oposição a Batista, planejou um ataque ao quartel de Moncada. O evento ocorreu em 26 de julho de 1953. A investida foi mal preparada e os guerrilheiros se retiraram em completa desordem. Muitos morreram; outros conseguiram fugir, porém mais tarde foram capturados e sentenciados à prisão – entre eles, Fidel Castro.

Em seu julgamento, fez sua própria defesa, que posteriormente passou a ser conhecida com o nome *A História me Absolverá* e que foi utilizado como elemento de mobilização para seus simpatizantes na luta revolucionária. O resultado do julgamento, contudo, o foi desfavorável: Fidel foi sentenciado a 15 de anos de prisão – entretanto, foi libertado em 1955 e, ante a perspectiva de que não lhe haveria futuro na política eleitoral de Cuba, partiu para o México com seu irmão. Lá conheceram um jovem argentino, Ernesto Che Guevara, que se tornou elemento importante para o sucesso da luta revolucionária em Cuba e organizaram os planos para a volta a Cuba com o objetivo de derrubar Fulgêncio Batista do poder.

Após um mal-sucedido desembarque em terras cubanas no final de 1956, Fidel, Raúl e Guevara escaparam e se refugiaram nas montanhas de Sierra Maestra. Em 1957, todos os rivais de Castro estavam enfraquecidos e seu minúsculo exército era a única força de Cuba. Até 1958 houve alguns partidos a favor e outros contra Fidel, sendo que neste ano o Partido Socialista Popular (PSP) começa a apoiar as causas de Castro e assim houve a tentativa de uma greve geral. Esta ação acabou antes mesmo de começar. O poder no momento não era suficiente. Em vista disso, Batista envia 10 mil soldados contra Fidel, mas ele resiste. Na véspera do Ano Novo, Batista se retira de Cuba. Chegava então a vez da Revolução Cubana que traria um novo paradigma para as Américas em meio à Guerra Fria:

Uma plataforma política de corte antioligárquico conduziu a uma postura francamente antiimperialista, tornando-se a Revolução Cubana a primeira experiência socialista na América. Isso não só traduzia uma derrota do imperialismo norte-americano em seu próprio território de influência, paralelamente a uma vitória do socialismo em território adversário, como criaria para a América Latina um paradigma novo: de um lado, um exemplo capaz de influenciar a transformação dos países latino-americanos em novos campos para a luta socialista; de outro, a necessidade de conter estas eventuais explosões revolucionárias (GUAZZELLI, 1993, p.21).

Em 2 de janeiro de 1959, Fidel Castro fez o primeiro discurso como comandante-chefe das forças armadas de Cuba. O governo revolucionário agiu rápido e suas primeiras medidas beneficiaram os setores mais pobres da população. A introdução da assistência médica universal e a campanha para acabar com o analfabetismo foram consideradas um dos maiores triunfos da Revolução; criaram-se novas instituições; bordéis, cassinos e a loteria nacional foram fechados. Reduziram-se os salários dos ministros e juízes. Fidel criou dois ministérios sociais: o do Bem Estar Social e o da Habitação, que acarretaram na redução de aluguéis de casas e apartamentos, além de cortes nas taxas hipotecárias. Foi criado o salário-mínimo para os cortadores de cana-de-açúcar e os detalhes da tão esperada reforma agrária foram anunciados em maio – no dia 17 era promulgada a lei que criava o Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA).

O presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, não viu com bons olhos a Revolução feita por Castro. Apesar do clima cordial inicial, os Estados Unidos sabiam que qualquer governo radical ou nacionalista que chegasse ao poder em Cuba, seria motivo de preocupação, assim com o novo governo de Cuba sabia que sua relação com os EUA não seria amigável. O ponto crítico dessa relação foi a reforma agrária. Decidiu-se que Castro tinha que sair do poder. O plano era apoiar uma oposição ao governo de Fidel que seria favorável aos Estados Unidos, mas que fizesse a queda de Castro parecer produto de seus próprios erros.

No segundo ano da Revolução, 1960, é firmado um acordo comercial com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A URSS, que tinha rompido relações diplomáticas com a ilha depois do golpe de Batista em 1952, passou a se interessar pelos acontecimentos em Cuba. Desse modo, Che Guevara conseguiu fazer um acordo com a embaixada soviética no qual a União Soviética comprou 500 mil toneladas de açúcar. A compra em si não era muito notável, pois eles já haviam comprado quantidade semelhante durante a época de Batista – porém, agora os soviéticos já estavam mais conscientes da situação da ilha, e em razão disso assinaram um acordo açucareiro com os cubanos, comprando 1 milhão de toneladas de açúcar por ano durante os próximos 5 anos. Eles pagariam 20% de valor em dólares e 80% em produtos como petróleo, trigo, papel para impressão e vários produtos químicos. Também concederam um crédito de 100 milhões de dólares para a compra de maquinaria e equipamento.

Nesse mesmo ano de 1960, os planos dos EUA de derrubar a Revolução já estavam concretizados. A Central Intelligence Agency (CIA), ao comando de Allan Dulles, tinha como ideia uma sabotagem feita por exilados cubanos e mais tarde o corte total de açúcar vindo de Cuba. As relações entre Cuba e EUA estavam ficando cada vez mais enfraquecidas. Dadas essas circunstâncias, os soviéticos prestaram ajuda, comprando as toneladas de açúcar dispensado pelos EUA, salientando que Cuba revolucionária tinha o apoio da URSS.

No início do ano de 1961, o jornal *Última Hora* já noticiava suspeitas de Fidel Castro com relação ao iminente ataque dos EUA a Cuba. O periódico *Jornal do Brasil* noticiava que o ministro cubano Raúl Roa irá à ONU denunciar esse iminente ataque. E também que, um possível rompimento de relações diplomáticas com países americanos é apenas boato para encobrir uma possível invasão. "Em Washington o chefe de imprensa da Casa Branca, Sr. James Hagerty, desmentiu a notícia classificando-a de mera 'tolice'" (JORNAL DO BRASIL, 01 e 02/01/1961, capa). O jornal também informava que fontes cubanas afirmam que o rompimento das relações diplomáticas com o Peru e, a possibilidade de que Uruguai, Venezuela e Panamá façam o mesmo é uma estratégia para encobrir a iminente invasão que ocorreria até dia 18 de janeiro.

Nos primeiros dias de janeiro de 1961, Cuba já estava nas capas do periódico *Correio da Manhã*. Com a manchete "Peru rompeu relações diplomáticas com o regime de Fidel Castro" (CORREIO DA MANHÃ, 1/1/1961, capa), a reportagem explica que o rompimento foi justificado, segundo o comunicado oficial, pois a embaixada cubana "... distribuiu propaganda comunista e pagou agentes encarregados de promover distúrbios e iniciar à destruição da autoridade legítima" (CORREIO DA MANHÃ, 1/1/1961, capa). Também via-se a deterioração da relação entre Cuba e outros países. No Uruguai, funcionários do governo levantavam a possibilidade de que se convocasse uma conferência com chanceleres da América para discutir o problema cubano. Na Venezuela, a chancelaria se mostrava insatisfeita com o ato do novo encarregado de Negócios de Cuba, que não cumpriu com protocolo. A notícia também trazia trechos do editorial do jornal estadunidense *New York Herald Tribune* que afirmava não estar feliz com a crise açucareira provocada pelo primeiro-ministro Fidel Castro e que "... quando Castro cair, Cuba continuará existindo e um ou outro dia teremos de ficar de acordo com o povo cubano, perante o qual não devemos apresentar com um passado cheio de vinganças" (CORREIO DA MANHÃ, 1/1/1961, capa). Era possível ver também que Cuba acusava os Estados

Unidos de uma invasão, que tinha aprovação do presidente Eisenhower, prevista para janeiro. O porta-voz da Casa Branca afirmou ser uma inverdade.

No dia 2 de janeiro, o jornal *Última Hora* relata que a ONU fará uma reunião para esclarecer a afirmação de Castro de que em Cuba acontecem mobilizações. No dia seguinte, o periódico informava que Krushev negou as afirmações que diziam ter ocorrido construções de pistas para lançamentos de protótipos soviéticos em Cuba, também declarou que as relações entre Cuba e a URSS estão cada vez se desenvolvendo mais, afirmando que a nação cubana sempre poderá contar com o povo soviético. Um dia depois, o jornal relatava que o presidente dos EUA, Eisenhower, anunciou o rompimento das relações diplomáticas com Cuba, usando o argumento de que na madrugada do dia 3, receberam uma nota dizendo que seriam reduzidos o pessoal americano da Embaixada e Consulado em Havana para apenas onze pessoas, tornando assim impossível a condução de relações diplomáticas normais com o governo cubano. O presidente, já eleito, John F. Kennedy não se pronunciou, salientou o periódico.

Também já via-se certa preocupação do jornal *Diário de Notícias* em reportar a situação entre Cuba e Estados Unidos. Em uma declaração, o primeiro-ministro de URSS, Nikita Khrushchev, afirmava que os EUA estavam preparando uma invasão contra Cuba e que, prevendo uma das situações mais tensas do século XX, afirma "estão procurando apresentar o assunto de forma que dê a impressão de que se estabeleceram em Cuba bases de foguetes soviéticos contra os Estados Unidos ou que estão se estabelecendo" (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 02/01/1961, p. 8). O primeiro-ministro ainda fala que ninguém deve se intrometer nos assuntos do povo cubano e que o povo soviético aplaudia os êxitos da Revolução. No dia seguinte, vemos que os EUA cortaram relações diplomáticas com Cuba, sob a justificativa do pedido de diminuição do número de funcionários na embaixada americana em Cuba. Fidel, de fato, exigiu a redução de dezenas de funcionários para apenas 11, número de funcionários da embaixada cubana em Washington, por achar que a embaixada norte-americana na ilha era um centro de espionagem. De acordo com Moniz Bandeira: "Essa medida realmente se justifica, dado que muitos dos funcionários na embaixada americana eram agentes da CIA" (MONIZ BANDEIRA, 2009, p.288).

O *Jornal do Brasil* foi o único a relatar que, no dia 02 de janeiro, foi realizado em Havana um desfile comemorando o aniversário da vitória da Revolução de Fidel Castro. Nele foi apresentada uma grande quantidade de armamentos importados dos soviéticos e dos tchecos. Foram expostos no desfile

cerca de 50 tanques soviéticos, de modelos datados como logo após a Segunda Guerra Mundial, canhões antitanques e antiaéreos e um grupo de seis lançadores de foguetes. Sendo esta a maior demonstração militar da história de Cuba.

Castro concentrou essa força para fazer frente ao que tem chamado de conspiração dos Estados Unidos, que pretendem, segundo alega, enviar os fuzileiros navais a invadir Cuba, poucos dias antes de o Presidente Eisenhower ser sucedido, a 20 de janeiro, pelo Presidente eleito John F. Kennedy (JORNAL DO BRASIL, 03/01/1961, p. 5)

No dia 4, temos a manchete “EUA ROMPEM RELAÇÕES COM CUBA”, na qual, às 20h e 30 minutos, do dia 3 de janeiro, foi divulgada uma declaração do presidente Eisenhower rompendo as relações diplomáticas entre os Estados Unidos e Cuba. No discurso, ele dizia que “existe um limite até onde os Estados Unidos, tendo em conta seu próprio respeito, podem tolerar, (...), esse limite foi agora alcançado” (JORNAL DO BRASIL, 04/01/1961, capa). O jornal ressalta que o presidente eleito, John Kennedy, recusou-se a comentar. Com a manchete “Na ONU”, é informado que as Nações Unidas foram surpreendidas com a decisão e que estava marcada uma reunião para discutir a suspeita de Fidel de um possível ataque dos EUA.

O editorial do jornal se manifesta dizendo ser impossível esconder a apreensão com o corte das relações diplomáticas entre Cuba e os Estados Unidos. Afirma que todos sabiam que as relações eram meramente formais, mas que nos mostravam uma certa melhoria no nível de entendimentos entre os governos. Também que, por estar a menos de uma quinzena da posse de John Kennedy, seu governo terá de lidar com as consequências, esperando que não seja feita nenhuma ação que agrave ainda mais a situação. De forma que, no meio de suspeitas de uma invasão, o governo cubano não deveria ter pedido a redução drástica de membros da embaixada dos EUA, não tomando medidas que provocassem o país vizinho. Também ressalta que o governo cubano tem decepcionado democratas latino-americanos por seu radicalismo, tendo assim “o General Eisenhower toda razão quando diz que o governo Castro é uma ditadura”. Ressalta a importância que os Estados Unidos está dando a Cuba prejudica sua imagem e que se o governo Eisenhower “cometer o erro de dar razão a Castro, intervindo em Cuba, causará enorme dano à nação norte-americana, que perderá – de maneira irreparável – a confiança dos povos latino-americanos” (JORNAL DO BRASIL, 04/01/1961, p. 3).

Durante os meses de fevereiro e março, não houve grandes notícias relacionadas a Cuba, até que em abril a Revolução Cubana começa a ganhar as capas com um evento que traria mudanças da

maior importância na percepção que as pessoas tinham das relações dos Estados Unidos da América com os demais países do continente: a Guerra Fria era uma realidade.

A Invasão da Baía dos Porcos

Em 17 de abril de 1961, desembarcaram na Playa Girón, uma força de exilados cubanos treinados pela CIA com o objetivo de derrubar a Revolução.

Com efeito, quase ao alvorecer, dezenas de pára-quedistas se lançaram nas imediações da península, iniciando a tomada da ‘cabeça de praia’. O grosso da Brigada 2605, uma expedição de 1400 mercenários treinados, na maioria, na Guatemala, divididos em sete batalhões, de 200 homens cada, por cinco navios, estava chegando a Playa Girón (Baía dos Porcos) para o desembarco anfíbio e aéreo. Saltando de uma balsa separada da grande embarcação, homens-rãs dirigiram-se ao extremo direito de Playa Girón. Outra parte da expedição deslocou-se à contígua Playa Larga. Alguns oficiais da CIA monitoravam as operações do desembarque a distância (FURIATI, 2003, 440).

Os exilados foram treinados para capturar uma parte do território para que membros do governo anti Castro avançassem pelo país colhendo apoio da população. Esse movimento, chamado de invasão a Baía dos Porcos, foi completamente mal sucedido, mal preparado, não houve apoio direto do exército norte-americano e a população se mostrou defensora do governo revolucionário.

Os estrategistas da CIA e do Pentágono partiram do princípio de que a pequena força aérea de Fidel Castro seria destruída no solo, e jamais lhes ocorreu que quaisquer aviões que tivesse escapado ao ataques seriam usados contra os navios. Portanto, os navios não estavam equipados com armas antiaéreas. Quanto aos de treinamento, os norte-americanos jamais suspeitariam que Fidel Castro os tivesse equipado com duas metralhadoras calibre 50 cada uma. Com esse armamento e com a maneabilidade e a velocidade dos jatos, os T-33 eram muitas vezes superior aos pesados e lentos B-26 que começavam, às primeiras luzes do dia, a fazer exaustivas missões de ida e volta entre a Nicarágua e a baía dos Porcos (SZULC, 1986, p. 650).

Após 2 dias, os invasores se puseram em retirada. Os cubanos contaram 157 mortos e feridos das suas tropas e 1197 prisioneiros. Essa derrota resultou em um grande constrangimento para o governo do presidente John Kennedy, que foi forçado a admitir publicamente ter organizado a operação, com a qual a CIA investira mais de US\$ 46 milhões. O presidente foi julgado como inapto, inexperiente e inseguro, e para não parecer ainda mais fragilizado perante a população, ele decidiu continuar a perseguir Castro.

No Brasil, a invasão da Baía dos Porcos obteve, na grande imprensa, uma repercussão muito forte. Já no dia 17 de abril, nos deparamos, na primeira página do *Última Hora*, com a manchete “CUBA INVADIDA! Desembarque dos rebeldes começou à zero hora de hoje” (ÚLTIMA HORA, 17/04/1961, capa), a notícia continua na página 2 explicando sobre o desembarque de exilados cubanos na Playa Giron, a invasão da Baía dos Porcos.

Na mesma edição, nos deparamos com a manchete intitulada “Silêncio em Washington” (ÚLTIMA HORA, 17/04/1961, p.2), na qual o porta-voz do Departamento de Estado informa que o governo norte-americano não tinha fatos suficientes sobre a invasão. Vemos o grande equívoco, pois é fato conhecido que desde o início de 1961 a CIA já planejava uma sabotagem com exilados: “Registros do Serviço Secreto citam treze encontros confidenciais de Bissell com Kennedy e outras autoridades no Salão Oval, durante os três primeiros meses de 1961, quando os planos de invasão de Cuba se intensificaram” (HERSH, 1998, p.195).

Na mesma data, o jornal *Diário de Notícias* trazia a seguinte manchete: “Aviões bombardearam Cuba e fugiram” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 17/04/1961, capa) e reportou detalhadamente o bombardeio em instalações militares. Os bombardeiros B-26, que atacaram e metralharam na madrugada do dia 15 de abril, tendo como objetivo minimizar as forças da revolução, fizeram com que Fidel ordenasse a mobilização de 300 mil milicianos, pois foi advertido de uma possível nova agressão. Também, em 17 de abril, a capa do *Jornal do Brasil* noticiava que aviões B-26 atacaram pela manhã 3 bases militares de Cuba, San Julian, Santo Antonio de Los Banos e o Campo Libertad. Esses aviões estavam cumprindo ordens do Conselho Revolucionário do Governo cubano no exílio, sob presidência de José Miró Cardona – que foi primeiro-ministro ao longo do primeiro mês da chegada da Revolução chegou ao poder, no início de 1959.

As forças de Cuba se mobilizaram para se defender do ataque e três desses aviões aterrissaram em Miami após o ataque. Esse ataque deixou vários civis mortos e feridos e Castro: “(...) usou a oração fúnebre das vítimas do bombardeio para anunciar, pela primeira vez, o caráter especificamente socialista da Revolução” (GOTT, 2004, p. 221).

O jornal *Correio da Manhã* trazia um enfoque um pouco diferente na edição do dia seguinte à invasão da Baía dos Porcos. A matéria intitulada “Rússia – atitude de prudência” (CORREIO DA MANHÃ, 18/4/1961, capa), se preocupava em mostrar a posição da URSS. É afirmado que Moscou

não queria lançar iniciativas precipitadas. Dentro do país socialista, a invasão é vista como assunto cubano, porém afirmam que Fidel Castro não estará sozinho, que darão a ajuda necessária, mas não acusam os EUA de serem responsáveis pelo ataque.

Dean Rusk, secretário de Estado dos EUA na época, afirmou que seu país se mostra a favor de todos os países que se voltassem à tirania enquanto se referia ao caso cubano. Alertou que era cedo para definir os acontecimentos na ilha como grande envergadura contra a ditadura fidelista. Para ele, esse ataque seria algo entre a ditadura de Fidel e forças inimigas internas. Declarou que o caso cubano será discutido na Assembleia Geral das Nações Unidas e que tem numerosos relatórios sobre o que chamou de desordens na ilha. Terminou a entrevista afirmando que:

Consequentemente, não estou em condições de responder com minúcias quanto a um terreno de confusão. O povo americano tem o direito de saber se intervimos em Cuba, ou se tencionamos fazê-lo. A resposta é 'não'. O próprio povo cubano é que deve decidir quanto ao que se passa em seu país (CORREIO DA MANHÃ, 18/4/1961, capa).

Ainda no dia 18 de abril, no *Correio da Manhã*, vemos que o encarregado de Negócios de Cuba, declarou que os cubanos estão de luto após os eventos registrados em Havana e acusou os EUA pelo bombardeio. Na página 16, ele afirmou que as armas utilizadas nos ataques são de fabricação estadunidense e que a ilha não as possui, pois seus vizinhos nunca se dispuseram a vendê-las. Ao lado, o periódico, bem como o *Jornal do Brasil*, disponibilizou um pronunciamento oficial do Presidente Jânio Quadros, no qual este afirmava que o Brasil manifestava apreensão pelos acontecimentos em Cuba, pois defendia o princípio de autodeterminação dos povos e o princípio de respeito à soberania das Nações.

No *Jornal do Brasil*, sob a manchete “AMEAÇA”, temos o pronunciamento da Agência soviética *Tass*, a qual afirma que a URSS e os demais países socialistas, as nações amantes da paz estão preparadas para dar todo auxílio ao povo cubano. Por último, a notícia traz um comunicado assinado por Fidel no qual ele acusa os EUA de serem os responsáveis pelo ataque:

Povos da América e do mundo! O imperialismo dos Estados Unidos desencadeou sua anunciada e covarde agressão contra Cuba. Mercenários e aventureiros desembarcaram em um ponto do país. (...) Reforcemos a luta contra o principal inimigo da Humanidade, o imperialismo ianque! Cuba inteira está de pé, com o lema “Pátria ou Morte”. Nossa batalha é de todos vocês. Cuba vencerá (JORNAL DO BRASIL, 18/04/1961, capa).

Além disso, o *Jornal do Brasil* traz o primeiro balanço oficial da invasão. Os invasores atacaram 6 províncias de Cuba, sendo estabelecidas 13 cabeças-de-ponte em Matanzas, Playa Grande, Perón e Baía de Los Cochinos. Por último, afirma que o presidente Kennedy protegeu em sua proclamação os planos da invasão a Cuba, sendo eles tramados pelo Pentágono e pelo Serviço Secreto.

A imprensa cubana acusa Allan Dulles de estar por trás da invasão. Na “DECLARAÇÃO DOS EUA”, na segunda página do periódico, o Secretário de Estado estadunidense, Dean Rusk, afirma que o problema em Cuba é entre a ditadura de Castro e o povo, não sendo um problema dos Estados Unidos. Compara a ação dos invasores com a de Fidel anos antes, quando lutava contra o regime de Fulgencio Batista. Ressalta que o governo não tem informações completas sobre o que está acontecendo na ilha.

Ainda no *Jornal do Brasil*, o editorial, afirmou surpresa com o poder bélico dos invasores de Cuba, com capacidade de derrubar o governo de Fidel Castro e também que esse poder os leva a conclusão de que um ou mais países ajudaram esses invasores e isso os deixa apreensivos. Afirmam que mesmo com as declarações de John Kennedy, estava claro que pelo menos uma parte dos exilados foram treinados em seu território, como a própria imprensa norte-americana já havia denunciado. Levantam a hipótese dos EUA terem feito em Cuba o mesmo que fizeram na Guatemala, em 1954, e afirma que se fizeram a União Soviética estaria satisfeita. Afirmam que os EUA cometeram mais do que um crime, um erro. Fizeram com que o povo voltasse a se solidarizar com Fidel Castro, e a URSS está se aproveitando dessa imagem.

No dia 19, um acontecimento nos chamou muito a atenção. Todos os quatro jornais em que pesquisamos traziam a resposta do presidente John Kennedy a uma nota enviada pelo primeiro-ministro Nikita Krushev, discordando sobre os EUA serem responsáveis pelas operações militares em Cuba e alertando-o para não intervir em Cuba. Krushev iniciou sua mensagem afirmando que ninguém ignoraria a agressão armada contra a ilha feita por grupos que foram armados, treinados e equipados nos EUA, assim como o bombardeamento de cidades da ilha que foi realizado com aviões do mesmo país. Pediu ao presidente dos EUA que colocasse um fim nas operações militares desenvolvidas em Cuba e acrescentou que a União Soviética prestaria toda ajuda possível a Cuba, pois não admitem atos capazes de orientar o mundo para uma catástrofe militar. Richard Gott também destaca a importância dessa comunicação para o quadro da Guerra Fria: “Krushev enviou uma nota

diplomática para Kennedy com uma mensagem clara de apoio a Castro: “Nós daremos ao povo cubano e ao seu governo toda a assistência necessária para desbaratar o ataque armado contra Cuba” (GOTT, 2006, p. 222). Nesta mensagem, as ameaças fazem parte do clima bipolar imposto pela luta entre capitalismo e comunismo durante a Guerra Fria e tiravam proveito do medo que rodeou as pessoas durante todo esse período: o medo de um confronto nuclear que destruiria a vida no planeta.

Nas capas do *Correio da Manhã* e do *Jornal do Brasil*, bem como nas páginas 6 e 10 do *Última Hora* e do *Diário de Notícias*, respectivamente, vemos que o presidente estadunidense rebateu dizendo que tomaria medidas imediatas para proteger esse hemisfério contra qualquer intervenção militar de uma potência não americana. Rebatendo a declaração de Kruchev de que os acontecimentos em Cuba poderiam afetar a paz mundial, Kennedy diz ter confiança de que o governo soviético não os usará como pretexto para levar crise a outras regiões. Ao final do discurso, o presidente volta a expressar sua vontade de que o regime atual na ilha vizinha passe por um processo democrático para escolher seus representantes, pois, segundo Kennedy, os povos livres do mundo não aceitam a ideia de quem a revolução comunista é inevitável, o que interessa ao mundo é a revolução dos povos que querem ser livres.

Os acontecimentos de abril de 1961 em Cuba mobilizaram a Guerra Fria em todo o mundo. No Brasil, não foi diferente. Houve grande repercussão política e social. O periódico *Diário de Notícias* informava que em todo o Brasil, pessoas manifestaram sua indignação por causa da invasão. Foram destacados três comícios realizados pelo líder comunista Luiz Carlos Prestes e pelo deputado Sérgio Magalhães do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Essa matéria não apresenta dados como quantas pessoas participaram, local ou horário, apenas afirma que os comícios aconteceram, muito diferente da matéria relacionada a uma passeata em São Paulo. Nela é informado que a manifestação contou principalmente com a presença de acadêmicos e operários e foi fortemente policiada. Também mostra que no Plenário da Câmara dos Deputados alguns parlamentares afirmaram apoio a Cuba, como José Sarney, da União Democrática Nacional (UDN) e Osvaldo Lima Filho (PTB) (*Diário de Notícias*, 19/04/1961, p. 3) e na Assembleia Constituinte do estado da Guanabara os deputados Roland Corbisier (PTB), Saldanha Coelho (PTB), Paulo Alberto do Partido Trabalhista Nacional (PTN), Gerson Berger do Partido Socialista Brasileiro (PSB) e Hércules Reis do PTB (*Última Hora*, 19/04/1961, p. 3).

O *Última Hora* afirma que tirando o pronunciamento de Carlos Lacerda, todas as manifestações realizadas no país foram pró Cuba. Com a manchete “O PRIMEIRO”, o jornal traz as declarações de Carlos Lacerda, destacando que tirando o presidente do Brasil, ele foi o primeiro deputado a manifestar sua opinião oficial, dizendo que a invasão era para a liberdade do povo cubano de seu líder tirano. Seus pronunciamentos foram condenados pela Assembleia Legislativa. Nos deparamos com uma sutil agressão à opinião do mesmo, percebe-se: “(...) o Sr. Carlos Lacerda, na manhã, de ontem, sem que ao menos fosse pedida a sua opinião a respeito do assunto, distribuiu nota oficial à imprensa, de caráter estritamente pessoal saudando os invasores do território cubano” (ÚLTIMA HORA, 19/04/1961, p. 3). Na coluna Dia a Dia, estava presente, também, uma crítica, acusando-o de não ter opinião própria ao mencionar a adesão de forças inexistentes, segundo a colunista, com as quais Castro pensava contar.

A notícia do *Última Hora*, de um colunista não identificado, focava no povo brasileiro que demonstra solidariedade com o governo cubano, porque, como ele escreve: "uma ameaça idêntica à que amanhã poderá desencadear-se contra o Brasil ou qualquer outra país americano cuja política não agrada ao State Department" (ÚLTIMA HORA, 19/04/1961, p.6).

Ainda no dia 19, na segunda página do *Diário de Notícias*, o colunista Gustavo Corção, escritor político prestigiado por suas ligações com a Igreja Católica e por seu discurso anticomunista, afirmava sua indignação com o caso cubano. Ele afirma que tanto Fidel, o qual chamou de “ditador nacional”, e o responsável pela invasão estão errados com a justificativa da autodeterminação dos povos, em que a vontade da sociedade tem que ser respeitada. Conclui sua escrita dizendo que é lastimável que os cubanos se deixem levar por um erro tão grosseiro.

Na coluna Momento Internacional, é afirmado que mesmo sendo o leitor contra ou a favor de Fidel Castro, teria de concordar com eles, que golpes e invasões teriam que parar e que os EUA não enganavam ninguém em sua neutralidade em face de invasão. Alega que a ajuda da URSS a Cuba não é justificada e que por isso, apesar dos EUA terem um governo democrático e de serem avisados dos presentes acontecimentos, Kennedy cairia, antes mesmo de Castro. Entre os motivos para a culpa da invasão da ilha ter caído sobre os norte-americanos foi destacado a nacionalização de empresas em Cuba, o apoio do governo americano aos exilados, o estímulo, os meios militares e o treinamento dos mesmos (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19/04/1961, p.4).

Kennedy também foi abertamente criticado, sendo chamado de culpado por problemas de ordem moral e questionado se tinha ideia de que as relações de seu país com a América Latina estavam em jogo. Explica que se os EUA perderem a América Latina significaria um ganho para o bloco soviético. A coluna é concluída dizendo que Kennedy é o último presidente dos EUA a falar sobre equilíbrio dos blocos, “porque o desequilíbrio já começou e a partir de uma pequena ilha, sem importância, mas que o destino histórico transformou no árbitro das relações da América Latina com os Estados Unidos” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19/04/1961, p. 4).

Após a invasão da Baía dos Porcos, os latino-americanos passaram a ver os EUA como um país não tão poderoso quanto um dia foi, que era finalmente possível lutar contra o seu imperialismo. “Os impactos no contexto doméstico e internacional foram vários, todos negativos. Internamente, o incidente fez com que Kennedy percesse inapto, inexperiente e inseguro” (FARIAS, 2008, p. 120). Para os EUA, também ficaria claro que Cuba “(...) tinha uma capacidade extremamente alta para a defesa militar” (SZULC, 1986, p. 655).

O *Correio da Manhã* traz, no lado direito da capa, a seguinte manchete: "Com quem está o povo cubano?" (*Correio da Manhã*, 19/04/2019, capa). A matéria começa afirmando que a resposta dessa pergunta está sendo dada pelas armas. E que nesse momento, há armas de dois lados: armas tchecas e russas nas mãos dos homens de Fidel e armas americanas nas mãos dos invasores. O periódico pergunta se o ataque a Cuba seria a formação de uma nova Coreia ou então o início de um conflito geral. A resposta é negativa para os dois questionamentos, de acordo com o periódico, pois toda Cuba não valeria o mesmo que a cidade de Moscou para os soviéticos. Não importa o resultado da luta em Cuba, já poderíamos afirmar que o fidelismo era um fenômeno continental que saía das praias cubanas e entrava para a consciência do homem latino-americano. Contudo, o fidelismo original chegou ao fim quando foi instalado em Cuba a ditadura fidelista. Para o periódico, há diferentes meios de chegar ao mesmo fim e a declaração socialista de Fidel não é uma mera tática de obter apoio soviético. Ele troca a subordinação total de Cuba aos EUA pela subordinação total a URSS. Os meios escolhidos para atingir o fim de autodeterminação, soberania, desenvolvimento e justiça social foram a revolução e a ditadura. E todo continente se encontra no mesmo dilema: emancipação democrática ou o fidelismo. Nesse sentido, o periódico conclui que cabe ao governo brasileiro se opor ao restabelecimento em

Cuba de uma situação que ignore a justiça social motivada pela revolução cubana e apoiar fins legítimos e democráticos para atingir ao fim.

No dia 20, no *Última Hora*, vemos a manchete “Delírio em Havana: Fidel esmagou tropas invasoras” (ÚLTIMA HORA, 20/04/1961, capa), a notícia nos informa que Fidel realizou um comunicado na rádio afirmando o extermínio completo das tropas anticastristas, anunciando que em questão de horas as forças antirrevolucionárias estarão vencidas e pediu ao povo que continue em alerta, mas executando seus trabalhos em fábricas e canaviais normalmente. Os noticiários afirmam que as tropas continuam lutando na Província de Las Villas, especialmente na Baía de los Cochinos. Todos os periódicos trouxeram notícias similares. É informado que um dos aviões derrubados era dirigido por um norte-americano, Leo Francis Bell. Os motivos para o fracasso, de acordo com a capa do mesmo dia do *Correio da Manhã*, foram: o uso de aviões Mig a jato de fabricação russa contra aviões a hélice dos rebeldes; a rapidez com que os tanques e canhões e a milícia de 300.000 homens foram mobilizados e ao fato de que a população civil cubana não ter aderido ao movimento. Nos Estados Unidos, o clima é de desespero, tanto que o Presidente Kennedy reuniu democratas, republicanos e assessores para uma conferência, cujo tema o jornal especula certamente ser o caso cubano. Por último, o jornalista acusa os EUA de fazerem uma guerra não declarada contra Cuba.

O periódico *Diário de Notícias* publicou a seguinte manchete "Fidel com suas tropas esmaga a Contra-Revolução" (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 20/04/1961, capa), afirmando que Fidel atingiu seu maior triunfo desde que chegou ao poder, ao derrotar as tropas invasoras. Palavras do próprio Castro, encontradas na bibliografia analisada, confirmam a notícia:

Contavam com um domínio aéreo total. Bombardearam de surpresa, dois dias antes, nossos aviões - e tínhamos muito poucos - em bases, usando insígnias cubanas. Escolheram um local isolado, Playa Girón, separado por um grande pântano do resto do território. Era muito difícil contra-atacar porque era preciso passar por duas únicas estradas em uma espécie de desfiladeiro das Termópilas. Mas, em menos de 72 horas, nós os derrotamos, depois de uma batalha encarniçada onde tivemos mais de 150 mortos. Uma batalha com 68 horas consecutivas de combate - não houve trégua nem um segundo -, diante da esquadra norte-americana, que foi como se deu o combate. Nós os derrotamos e fizemos uns 1200 prisioneiros (Fidel apud RAMONET, 2006, p. 247).

Com o título "O drama de Cuba" (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 20/04/1961, p.4), o editorial começa afirmando que o jogo dos comunistas merece repulsa e que sua exploração nas terras cubanas

está bastante clara. Afirma que a aproximação dos comunistas desvirtua os propósitos da Revolução Cubana. Também fala que os cubanos não vivem a almejada libertação, que muitos dos guerrilheiros de Sierra Maestra já não seguem o antigo chefe que se transformou em instrumento dos interesses soviéticos na América e que o que viceja na ilha é uma ditadura porque até agora ninguém nunca imaginou a democratização e a regulamentação da vida no país. Ainda é falado que assim como repelimos a tentativa de invasão dos EUA em Cuba, devemos rejeitar também a penetração soviética nas Américas.

O editorial do *Jornal do Brasil*, afirma que o erro de Kennedy foi permitir que as razões do Estado fossem mais altas do que o *fair-play* que todos esperamos dos Estados Unidos. Afirmam que, apesar dos fuzilamentos, o governo de Fidel Castro continua a obter cada vez mais prestígio e que a União Soviética tenta a todo custo enfraquecer o sistema pan-americano. Gradativamente cresce nas ruas agitações anti Estados Unidos, e os dirigentes latino-americanos que simpatizavam com o país se silenciam. O editorial afirma que, por um erro de cálculo, os EUA passaram de nação que usava seu poder na defesa de causas justas para uma gasta nação imperial. Essa mudança de imagem beneficia o bloco comunista, “tudo porque o novo Governo norte-americano não soube ouvir uma voz que falava ainda mais alto do que a dos cubanos: a voz silenciosa e discreta das grandes nações latino-americanas que dizia aquelas meias-palavras que devem bastar ao bom entendedor” (JORNAL DO BRASIL, 20/04/1961, p. 6).

A vitória da Revolução

O presidente John Kennedy, que tinha assumido o cargo em 20 de janeiro de 1961, enfrentava uma forte crise em seu governo como decorrência do fracasso da invasão da Baía dos Porcos. Ao mesmo tempo que procurava se desvencilhar das responsabilidades sobre a operação, também precisava se mostrar em uma posição de força ante Fidel e os demais revolucionários cubanos. Desse modo, Kennedy realizou um pronunciamento, que foi publicado em nosso país pelo *Jornal do Brasil*, no dia 21 em sua capa, no qual afirmava que a luta que ocorre em Cuba é de seus patriotas contra um ditador e que o exército estadunidense não interviria nisso. Uma intervenção por parte deles, sem um ataque direto contra eles ou contra um aliado, seria contrário às obrigações internacionais, mas afirma que se essa norma esteja encobrindo uma política inativa e se as Nações Americanas não colaborarem para a não entrada do comunismo nas Américas. Os EUA não vacilaram em proteger sua própria

segurança – e manifestaram também que não pretendia abandonar a ilha (JORNAL DO BRASIL, 20/04/1961, capa).

Nesse mesmo dia, o *Jornal do Brasil* também noticiava que o presidente Kennedy se encontrou na Casa Branca com o líder do movimento anticastro, Sr. Miró Cardona, que estava exilado em Miami, depois de ter discutido a questão cubana com seus assessores. José Miró Cardona foi, durante o mês de janeiro e alguns dias do mês de fevereiro de 1959, primeiro-ministro em Cuba e solicitava a Kennedy para que este utilizasse sua influência na Organização dos Estados Americanos (OEA) para que os capturados em Cuba não fossem executados (JORNAL DO BRASIL, 20/04/1961, p. 2).

O mesmo periódico, por fim, destaca um pronunciamento do Secretário de Estado estadunidense, Dean Rusk, no qual ele comenta que as tentativas para derrubar o governo Castro não terminaram e que o ataque não foi uma invasão de grande escala, não sendo uma invasão importante. E, ainda ressalta, de forma incorreta novamente, que o governo dos EUA não ajudou as tropas anticastristas, mas que eles receberam ajuda dentro e fora do país (JORNAL DO BRASIL, 21/04/1961, p. 2).

Internamente, no Brasil, a tentativa de invasão da Baía dos Porcos continuava tendo forte repercussão política. Na coluna Coisas de Política do *Jornal do Brasil*, na terceira página, é noticiado que o presidente da República, Jânio Quadros, reafirmava que a situação cubana lhe causa apreensão, pois pode ocorrer um aumento da tensão entre Cuba e Estados Unidos, podendo ocorrer uma intervenção na ilha por parte dos norte-americanos. Ele afirma que o governo brasileiro pretende defender o princípio de autodeterminação e, também relata a preocupação de que a Guerra Fria, entre EUA e URSS, se estenda pelo continente americano, o que causaria inúmeros problemas nas relações internas dos países que lutam para vencer a barreira do subdesenvolvimento. A posição do presidente Quadros era consoante à sua Política Externa Independente (PEI), que estava articulada a partir dos princípios da não-intervenção e da autodeterminação dos povos.

A crise política repercutiu fortemente também na Organização das Nações Unidas (ONU). De acordo com o *Jornal do Brasil*, o embaixador dos EUA, Adlai Stevenson, na Comissão Política da ONU, manifesta o posicionamento defensivo de que os EUA não praticaram nenhuma agressão, não forneceram armas e que nenhum exército saiu do seu território a Cuba, como outras fontes estavam divulgando, e que esperam que o governo de Fidel Castro cumpra o que prometeu ao propor a

Revolução: a reforma social, instituições livre e um governo democrático. Ele frisa todas as "injúrias" realizadas ao governo dos EUA, como as propriedades que foram confiscadas e o fechamento da Embaixada e rebate diversas afirmações de Raul Roa, o representante cubano na ONU (JORNAL DO BRASIL, 21/04/1961, p. 4).

Na capa do *Diário de Notícias*, no dia 21, o discurso de Kennedy é apresentado e nele é observado a fala de que estão sendo consultadas outras Repúblicas pelos Estados Unidos da América com o objetivo de tornar do conhecimento o que há de fazer com Cuba em vista dos acontecimentos recentes. Decidido a não fazer intervenção direta a Cuba depois do fracasso da Baía dos Porcos, Kennedy tinha duas opções:

- 1) Manter o status quo, permitindo que Cuba continuasse a disseminar o comunismo e a pôr em risco a estabilidade de vários governos no Caribe e mesmo na América do Sul, como na Bolívia; 2) ou promover uma ação conjunta do Hemisfério com o intuito de isolar o governo Castro e impedir a propagação do comunismo na América Latina (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 344).

Vemos que Kennedy inclinava-se para a segunda opção. Com a manchete “Kennedy adverte: EUA podem intervir em Cuba” (ÚLTIMA HORA, 21/04/1961, p.6), o presidente americano fala pela primeira vez sobre o ataque a Cuba, afirmando que se houver algum outro momento em que os EUA achem necessária alguma intervenção, ela virá. A advertência de Kennedy foi publicada nos quatro periódicos que pesquisamos e nela o presidente estadunidense ainda diz que se outras nações permitirem a entrada do comunismo em seus países, ele não relutaria em fazer o necessário para proteger sua própria nação. Kennedy procurava se isentar da responsabilidade pela invasão, mas ao mesmo tempo procurava dar uma demonstração de força ao dizer que a luta é de patriotas cubanos, mas que os EUA tem simpatias com seus objetivos. Contudo, reafirmou que as Forças Armadas dos Estados Unidos não interviriam de forma alguma ao mesmo tempo em que ressaltava que o povo cubano não seria abandonado. O presidente dos EUA ainda declarava que tentativas de Castro de culpar sua nação pelo ódio que os ex-partidários sentiam pelas medidas de repressão protagonizadas pelo primeiro-ministro de Cuba não serão aceitas. Além disso, Kennedy alertava que havia uma lição a ser aprendida: forças comunistas não devem ser subestimadas em nenhum lugar do mundo – e passa a relatar fatos de repressão em outros países associados ao comunismo - como a Hungria, a Coréia do Norte, o Vietnã Setentrional, a Alemanha Oriental e a Polônia - e diz que vai tirar proveito dessa lição para rever táticas, forças e instituições a fim de imprimir novas orientações. A matéria finaliza com o

presidente John Kennedy afirmando: “Quero assinalar, como presidente, que estou decidido a manter a sobrevivência e o sucesso do nosso sistema, não importa o custo ou o perigo que possamos correr” (CORREIO DA MANHÃ, 21/04/2019, capa). Esse discurso também é citado no livro *O lado negro de Camelot* de Seymour Hersh, mas diferentemente dos jornais, ele se detém no momento em que Kennedy admite a culpa pela invasão:

Kennedy eliminou boa parte da controvérsia sobre quem ordenara o que no dia 21 de abril, quando disse em uma entrevista coletiva que “existe um velho ditado que diz que a vitória tem muitos pais, mas a derrota é órfã... Sou a autoridade responsável do governo, o que é óbvio” (HERSH, 1998, p. 218).

Aparentemente relutante, Kennedy, de acordo com Seymour Hersh, assume a responsabilidade pelos atos na Baía dos Porcos. O que lhe traz “enorme apoio da população que, assim como Kennedy, temia e odiava Fidel Castro” (HERSH, 1998, p. 218).

O *Última Hora*, trazia o comunicado de Fidel Castro sobre a vitória de Cuba, no qual o primeiro-ministro cubano relata a eficiência do exército revolucionário:

Forças do Exército Rebelde e das Milícias Nacionais Revolucionárias tomaram de assalto as últimas posições das forças mercenárias invasoras que haviam ocupado no território nacional. Praia Jiron, que foi o último ponto dos mercenários, caiu às 17.30 horas. A Revolução saiu vitoriosa, todavia perdemos vidas valiosas de combatentes revolucionários que enfrentaram os invasores incessantemente, sem um minuto de trégua, destruindo, assim, em menos de 72 horas, o exército que o imperialismo organizou durante muitos meses: o governo imperialista dos Estados Unidos. O inimigo sofreu uma esmagadora derrota. Uma parte dos mercenários tentou reembarcar para o estrangeiro em várias embarcações que foram afundadas pela Força Aérea Revolucionária. (...) Pátria ou Morte. Vencemos. (ÚLTIMA HORA, 21/04/1961, p.6).

A vitória do povo cubano também é relatada por Richard Gott, e, da mesma forma que na obra de Seymour Hersh, também enfatiza um momento diferente do que os periódicos apresentam na questão sobre o que fazer com os exilados capturados: “Quando Castro sugeriu que o destino deles deveria ser posto em votação pelo povo cubano, a plateia gritou: ‘Paredón’ - e ele foi obrigado a retroceder, dizendo que condená-los todos seria um ‘descrédito para a nossa vitória’” (GOTT, 2006, p. 222-223).

A repercussão da invasão da Baía dos Porcos não perdia força nos jornais da grande imprensa brasileira. Além das notícias e editoriais, também era pauta das colunas de opinião. No Correio da Manhã, a coluna de All Right, pseudônimo do cronista político Anderson Magalhães, recebeu o título

“O caso de Cuba”. O colunista começava manifestando que estava de acordo com Jânio Quadros que se dizia contra o colonialismo e a favor da autodeterminação dos povos. Para ele, Castro simpatizava com o regime soviético e, para horror dos católicos, formou uma ponte comunista no continente, o que resultou na invasão da Baía dos Porcos. Ele questiona: "Quem poderá negar aos cubanos o desejo de ver seu país libertado do sanguinário governo que domina a fogo e ferro?" (CORREIO DA MANHÃ, 21/04/2019, p. 2). Para o autor da coluna, a autodeterminação dos povos não estava sendo respeitada na ilha, uma vez que muitos cubanos já não apoiavam mais o regime de Fidel. Levanta a hipótese de que se Castro tivesse constitucionalizado a ilha, mesmo que instituindo o socialismo, talvez essa invasão, cujas consequências ninguém pode prever, não tivesse acontecido.

O governo brasileiro expediu uma nota oficial, que foi publicada na edição do dia 22 de abril do *Última Hora*. O periódico traz ao conhecimento dos brasileiros a nota oficial do governo, na qual é possível ler que o governo Quadros expressa sua apreensão em relação aos acontecimentos cubanos, afirmando que a paz mundial está ameaçada.

Na edição seguinte, no dia 23, na coluna "Jornais & Problemas" escrita por Octavio Malta – um dos fundadores do periódico – este acusa, no primeiro parágrafo, os EUA de serem os responsáveis pela invasão e trazendo citações do jornal *Correio da Manhã*, ele argumenta que, se "(...) o egoísmo irreprimível dos dirigentes norte-americanos aniquilar a revolução cubana, o fidelismo crescerá na imaginação das massas latino-americanas e múltiplos Fideis surgirão das Caraíbas a Patagônia" (ÚLTIMA HORA, 23/04/61, pág. 2), concluindo que o fracasso dos EUA fez com que Fidel ganhasse mais apoio. Segundo Moniz Bandeira, após a invasão:

(...) Castro continuava a ser percebido, na maior parte do mundo, como, essencialmente, um nacionalista de esquerda, sem dúvida agressivo e emocional, mas devoto à autoafirmação nacional e propulsado para o comunismo unicamente graças à vista curta e às políticas imperialistas dos Estados Unidos (MONIZ BANDEIRA, 2009, 342).

Octavio Malta encerra sua coluna afirmando que Kennedy escolheu uma posição terrível, ficando preso ao passado e que o povo estadunidense ficou ciente da injustiça e crueldade de seu governo. Para o público brasileiro de então, essa não deixava de ser uma afirmação polêmica, em razão da imagem que a própria grande imprensa criara da popularidade de John Kennedy nos Estados Unidos desde, pelo menos, a campanha eleitoral de 1960.

No mesmo dia 23 de abril, a capa do jornal *Correio da Manhã* trazia a seguinte informação: “Kruchev acusa os EUA na questão cubana” (CORREIO DA MANHÃ, 23/04/2019, capa). A notícia relatava uma mensagem que Kruchev entregou na embaixada americana em Moscou endereçada para o presidente Kennedy. O primeiro-ministro soviético afirmava que é indiscutível que a preparação, financiamento e transporte dos homens que invadiram Cuba foram feitos pelos EUA e que isso se qualificava como um crime e que indignava, comprovadamente, o mundo inteiro. Na carta, se referindo a afirmação de Kennedy que bases de foguetes e outras armas podem ser estabelecidas em Cuba, o que dá o direito de intervir naquele país, afirma que é falsa e que seu governo não pretende se aproveitar de Cuba nem tem intenção de estabelecer bases ali. Ainda fala que se Kennedy entendia que poderia agir daquela maneira contra a ilha, outros países tinham o direito de fazer o mesmo com a terra natal de Kennedy, cujos território é uma ameaça direta à segurança da Rússia, mas que ele, Kruschev, não compartilhava desse ponto de vista. Na mesma capa do jornal, ao lado, o jornal publicava – como uma resposta – a seguinte informação: “Kennedy disse ‘não’ a Kruchev” (CORREIO DA MANHÃ, 23/04/2019, capa). A notícia relatava que o presidente dos EUA rejeitou a última mensagem de Nikita Kruchev, pois decidiu não participar de um debate extenso envolvendo o caso cubano, mas prometeu que a luta pelos direitos fundamentais e pela democracia em Cuba continuaria.

O jornal *Correio da Manhã*, nessa mesma edição, trazia mais uma importante repercussão do conflito no Brasil. Em manchete, o jornal destacava: “Universitários paulistas repudiam apoio extremo comunista a Fidel Castro”. A notícia relatava que universitários paulistas de várias faculdades recolheram quase 500 assinaturas em um dia para subscrever uma proclamação que dizia que Cuba não poderia ser comunista nem anticatólica. A notícia trazia ainda a afirmação dos estudantes universitários de que o povo cubano estava sendo enganado por uma cruel, hipócrita e violenta revolução e que não ficariam em silêncio diante do comunismo em Cuba. Por esses motivos pediam apoio da opinião pública contra o fidelismo ateu e o texto expressava a revolta contra a repressão cristã (CORREIO DA MANHÃ, 23/04/2019, p. 6). Esse é um dado que nos chamou muita atenção. A partir do destaque que o jornal conferiu a esta notícia, pudemos perceber como, para o *Correio da Manhã*, a questão religiosa era importante – o que era uma forma de atestar o caráter conservador do periódico.

O dia 23 de abril de 1961 trouxe muito material de interesse para nossa pesquisa nos periódicos selecionados. O jornal *Diário de Notícias*, desta data, publicou um editorial no qual afirmava que a preocupação mundial no momento era que não havia saída para o impasse da crise cubana, pois a última autêntica manifestação de vontade do povo que se teve notícia era a vitória dos revolucionários de Sierra Maestra. O atual regime cubano precisava ser de deliberação coletiva, afinal era prezada a autodeterminação dos povos. O editorial é concluído afirmando que essas questões teriam que ser resolvidas em Cuba antes de mandarem os detidos para o *paredón*. O respeito à autodeterminação dos povos, presente no editorial, é um elemento importante daquele Brasil do início dos anos 1960.

O *Jornal do Brasil* trouxe em seu editorial, no dia 24 de abril, uma interpretação de que o presidente Kennedy estava muito amargurado pelos desdobramentos da invasão a Baía dos Porcos e que isso era compreensível – dado que o presidente esperava o apoio dos demais países da América Latina e que isso não tinha sido a realidade. Na mesma página seis, o jornalista Barbosa Lima Sobrinho, afirma que a obsessão de Kennedy com Cuba pode ser comprovada em seus discursos políticos, nos quais deixa bem claro que só temos duas opções para o fim desta situação: ou Estados Unidos ou Fidel Castro! Barbosa Lima Sobrinho – que já tinha sido presidente da Associação Brasileira de Imprensa por dois períodos – ainda explicava que este posicionamento de Kennedy podia ser percebido desde a sua campanha presidencial. A mesma página do jornal ainda trazia uma notícia a respeito de um editorial do *The New York Times*, no qual o jornal afirmava que todos já sabiam que os EUA, em especial a CIA, representaram um grande papel, senão principal, na preparação da invasão realizada em Cuba. Embora o *Jornal do Brasil* se solidarizasse em alguma medida com o presidente dos EUA, não deixava de reconhecer, ao dar espaço para a publicação de matérias e opiniões em suas páginas, que a responsabilidade sobre o ataque a Baía dos Porcos era de John Kennedy.

Na página 7, ainda no dia 24, o *Jornal do Brasil* informa o teor de uma carta do primeiro ministro soviético Nikita Krushev ao presidente Kennedy. Nessa carta, Krushev exige que os Estados Unidos parem de executar ataques externos à ilha. E adverte o presidente Kennedy de que, se os EUA sentirem-se no direito de atacar Cuba por ser um país comunista em seu hemisfério, a URSS também pode sentir-se no direito de realizar o mesmo com países capitalistas da Europa. A notícia poderia passar como apenas mais uma das notícias do período da Guerra Fria; contudo, o governo cubano, a

despeito de Fidel ter afirmado seu socialismo em 16 de abril de 1961, ainda reivindicava o estatuto de uma revolução nacionalista e anti-imperialista.

O tema da invasão da Baía dos Porcos continuaria em evidência até, pelo menos, o final do mês de abril de 1961, trazendo grande comoção nacional e fomentando forte instabilidade na política internacional. No dia 25 deste mês, o *Jornal do Brasil* trazia em sua capa: “EUA AFIRMAM QUE PROVA DE FORÇA CONTRA FIDEL CASTRO PROSSEGUIRÁ” (JORNAL DO BRASIL, 25/04/61, capa). O jornal informava – assim como o *Diário de Notícias* – que o assessor do presidente Kennedy para assuntos da América Latina, Adolf Berle Junior, afirmava que os Estados Unidos continuariam a atuar contra o governo de Fidel Castro e que a situação cubana não é nada mais que um desdobramento da Guerra Fria. Berle Junior estabelecia um comparativo entre liberdade e comunismo e alegava que a liberdade estava diretamente ligada ao rumo que cada nação iria escolher. Mais do que uma nação, Berle Junior apontava que cada cidadão deveria enfrentar uma questão importante: se iria deixar-se influenciar pelo comunismo? Para ele, o crescimento e florescimento da liberdade de um povo dependem das suas opções como não-comunista, pois, para ele, um império comunista significava um voto para a não liberdade, soberania e independência – por fim, o representante do governo dos EUA ressaltava que a resposta a essa questão dependia de cada um do público (JORNAL DO BRASIL, 25/04/61, p. 2).

Ainda na mesma página, o jornal traz uma notícia que era digna de capa: “Kennedy declara-se responsável”. Nessa notícia, o presidente dos EUA assumiu que patrocinou os exilados cubanos que invadiram a ilha, tendo isto ocorrido apenas em seu governo e não no anterior de Eisenhower. Qual a razão para o *Jornal do Brasil* não ter publicado essa notícia na capa de sua edição, se não a simpatia que nutria pelo mandatário dos EUA (JORNAL DO BRASIL, 25/04/61, p. 2)?

Enquanto Kennedy consultava vários militares e políticos para discutir os pormenores da operação cubana de acordo com o periódico *Correio da Manhã*, Stewart Udall, secretário do Interior, revelava para o mundo, conforme visto na bibliografia referenciada, as origens da invasão:

O secretário do Interior, Stewart L. Udall, declarou hoje, em entrevista que a invasão de Cuba foi concebida há um ano pelo presidente Eisenhower e pelo vice-presidente Richard Nixon. Eles começaram isso e logo o ‘passaram’ ao presidente Kennedy, disse Udall, que acrescentou: ‘Eisenhower ordenou (a invasão) e outro governo realizou-a’. O governo do presidente Kennedy tem-se esforçado por sublinhar que a invasão nos últimos três meses e, por conseguinte, assumiu completa

responsabilidade pelos desembarques em Cuba. Udall disse também que o propósito da reunião que teve Kennedy com Eisenhower, no sábado, foi o de dar a conhecer ao mundo que nos Estados Unidos havia unidade completa ante o problema de Cuba (CORREIO DA MANHÃ, 25/04/2019, capa).

Dessa forma, percebemos que Kennedy acabou assumindo a responsabilidade pela formulação de sua política para com Cuba e ordenou que nenhum dos seus membros de gabinete assumissem o fracasso pela invasão – todavia, isso não oblitera o fato de que o planejamento original da invasão foi feito no período do governo anterior. Kennedy poderia, se quisesse, não ter levado adiante o plano.

O periódico *Última Hora*, ainda no dia 25, trouxe em sua capa a opinião de Richard Nixon, vice-presidente dos EUA e candidato derrotado por John Kennedy na eleição de 1960. O *Última Hora* destaca a parte do pronunciamento na qual Richard Nixon afirmava que se deve treinar homens capazes de lutar, planejar e entender a guerra de guerrilha, para assim, derrotar forças comunistas como em Cuba e no Laos (ÚLTIMA HORA, 25/4/61, capa).

A Guerra Fria, cada dia mais, colocava a questão da invasão da Baía dos Porcos como seu elemento central naquele mês de abril de 1961. E muito disso vinha do governo dos Estados Unidos. No dia 26, o *Jornal do Brasil*, informava em sua capa que o Presidente Kennedy pediu que os principais encarregados dos órgãos do governo procurem outra forma de destruir o governo Castro em Cuba e, também que a Casa Branca anunciou a possível ordem de um embargo total a Cuba (JORNAL DO BRASIL, 26/4/1961, capa).

Essa tensão permanente, produzida pelo presidente dos Estados Unidos, alçava níveis cada vez mais altos. O *Jornal do Brasil* trazia a seguinte manchete em sua capa: “Kennedy diz que paz atual é pior que guerra” (JORNAL DO BRASIL, 28/4/61, capa). A notícia seguia na página 2 e trazia ao público a versão de Kennedy de que o estilo de vida do povo dos Estados Unidos estava ameaçado, em vista de um inimigo que expandia cada vez mais sua esfera de influência (a URSS) e permitia que se inferisse que a mídia deveria impor uma censura a si própria, usando como justificativa que a guerra com Cuba é a que mais ameaça a segurança do país. O presidente também convocou uma reunião com o Conselho de Segurança Nacional para estudarem novas propostas e planos para lidar com o caso cubano. Embora essas informações fossem, principalmente, para o público interno de seu país, elas reverberavam por toda a América, e com bastante força, como podemos ver, no Brasil: na mesma edição, o *Jornal do Brasil*, em seu editorial, instava os jornalistas para que pensassem e tivessem mais

autodisciplina antes de publicar notícias, procurando sempre publicar aquilo que seria em favor do interesse do país (JORNAL DO BRASIL, 28/4/61, p. 6). Percebemos aqui que o presidente estadunidense tenta censurar as informações publicadas pela mídia, atuando de forma não democrática – e que essa solicitação ecoava para fora das fronteiras dos EUA.

Na sexta página do *Última Hora*, temos uma nota do governo de Cuba, entregue aos representantes latino-americanos em Havana, no qual o mesmo acusa os Estados Unidos de estar planejando um novo ataque à ilha, mas que, apesar disso, estão dispostos a estabelecer negociações diplomáticas com o país – essa notatambém foi reportada pelo *Diário de Notícias* e pelo *Jornal do Brasil*.

Kennedy realmente solicitou ao Departamento de Defesa a elaboração de uma ação com participação direta das Forças Armadas dos Estados Unidos, em 20 de abril, com o objetivo de punir Castro pela humilhação a qual os EUA passavam. Esse pedido, mais tarde foi cancelado, pois, uma ação unilateral dos EUA poderia desencadear consequências graves no contexto internacional:

Por que os Estados Unidos não podiam viver com Cuba, como a União Soviética vivia com a Turquia e a Finlândia? – esta pergunta feita por Arthur Schlesinger na Europa Ocidental indicava que, se ordenasse uma intervenção armada, unilateral, para derrubar o governo Castro, Kennedy não teria moral nem contaria com qualquer respaldo para se opor a uma represália da União Soviética na Europa Ocidental ou na Ásia (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 342).

No mesmo dia, na página 8, do *Diário de Notícias*, fica claro que a prontidão de Fidel para negociações de paz foi reafirmada num pronunciamento. Castro, porém, tinha exigências. Um acerto pacífico entre Cuba e Estados Unidos só seria colocado em prática se acolhesse a consideração de Fidel: o acerto deveria levar em conta a autodeterminação do povo cubano. O primeiro-ministro da ilha também afirmou que Cuba não estava disposta a voltar atrás na questão de suas relações com o bloco soviético ou a cortar seu avanço como Estado socialista. Nesse pronunciamento, o presidente de Cuba Osvaldo Dorticós ressaltou que Kennedy deve dar o primeiro passo para as negociações.

Constatamos que Fidel, neste ponto, já deixa claro suas convicções a respeito do parecer do bloco soviético e suas intenções sobre o partido que Cuba tomava. Antes, Fidel não se dizia abertamente um socialista. Agora, lutava pela implementação do socialismo na ilha.

Conclusões

A tentativa de invasão da Baía dos Porcos foi realizada por cubanos exilados financiados pela CIA. A ação começou a ser preparada em 1960, ainda no governo do republicano Dwight Eisenhower, e foi levada a termo com a anuência do democrata John Fitzgerald Kennedy em abril de 1961 – que já tinha conhecimento do plano desde antes de sua posse em 20 de janeiro de 1961. O resultado final da operação orquestrada pela CIA foi totalmente diferente do planejado. Tanto na consecução da invasão quanto na repercussão – inclusive dentro dos Estados Unidos. No Brasil, a ameaça de forças externas a Cuba já aparecia nos jornais da grande imprensa, pelo menos, desde o primeiro dia do ano de 1961.

Em nossa pesquisa, analisamos quatro dos principais jornais da grande imprensa brasileira daquele período: *Última Hora*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*. Todos esses jornais eram sediados na cidade do Rio de Janeiro que, até a inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, era a capital brasileira – portanto, esses jornais tinham grande dimensão em suas relações com o poder político central do país, o que lhes conferia um grande alcance de suas matérias ao longo do território nacional.

Muitas das notícias publicadas nesses jornais vinham das agências internacionais de notícias. Mas havia um bom número de notícias que privilegiavam também os desdobramentos da tentativa de invasão da Baía dos Porcos dentro da sociedade brasileira. Além dessas matérias de cunho mais informativo, que nesse artigo chamamos de notícias, havia um grande número de análises produzidas por articulistas os mais variados nesses jornais, desde a palavra oficial do jornal – o editorial – até as colunas que poderiam ser assinadas ou não por seus autores.

Podemos perceber em nossa análise que o jornal *Última Hora* tinha uma preocupação central, que talvez possa ser explicada por seu viés abertamente nacionalista: suas matérias procuravam demonstrar como os brasileiros reagiam aos acontecimentos em Cuba. Outra especificidade do jornal era que seus colunistas se mostravam abertamente ao lado de Cuba contra a invasão dos EUA, sendo o único dos quatro jornais brasileiros a enfatizar a participação do Pentágono e da CIA no patrocínio da ação realizada em abril de 1961.

Já o jornal *Diário de Notícias* tratava o tema de uma forma menos aprofundada. No entanto, manifestava muitas críticas ao presidente John Kennedy, ao mesmo tempo que também criticava as ações de Cuba. O *Diário de Notícias* se preocupava com um tema bastante caro ao Brasil do início dos

anos 1960 e lhe conferia bom destaque em suas matérias: a autodeterminação dos povos. Além disso, esse periódico também abordou manifestações ocorridas dentro do território brasileiro.

O jornal *Correio da Manhã* tinha uma perspectiva bastante conservadora na análise da invasão e de seus desdobramentos. Suas matérias tinham como foco principal o governo dos EUA e não reconheciam a legitimidade de Fidel Castro como primeiro-ministro de Cuba. Havia uma preocupação também com a opinião pública católica em suas matérias. Mas não destoava da análise mais ampla do respeito a autodeterminação dos povos – mesmo criticando a falta de institucionalização do regime cubano.

Por fim, o *Jornal do Brasil*, assim como o *Correio da Manhã*, privilegiava o protagonismo dos EUA em suas matérias. Contudo, era capaz de realizar críticas ao governo Kennedy, seja de forma intencional, quando publica que a invasão da Baía dos Porcos era uma crime e também um grande erro, seja de forma mais subjetiva, quando publica o pedido de censura que Kennedy fez aos jornais de seu país, para que fosse publicado apenas o que fosse do interesse nacional – no caso, interesse do governo nacional.

Percebe-se, também, que há diferentes graus de simpatia entre os quatro jornais em relação à Revolução Cubana: desde aqueles que vêm nela uma grande conquista nacionalista e antiimperialista, como é o caso do *Última Hora*, até defesas da autodeterminação dos povos no caso cubano, mas com críticas a Fidel Castro, o considerando um ditador, como acontece, por exemplo, no *Jornal do Brasil*. Também com exceção do jornal *Última Hora*, é facilmente percebido uma postura anti-URSS nos outros três jornais da grande imprensa – mas isso não impede que, assim como o *Última Hora*, publiquem declarações do primeiro-ministro soviético com teor bastante forte contra o presidente dos EUA.

Por fim, percebe-se que ao longo de quase todo o período de nossa pesquisa, o presidente John Fitzgerald Kennedy procurava negar a participação e o protagonismo de seu país e seu governo na invasão da Baía dos Porcos. É apenas nas edições dos jornais que foram publicadas em 25 de abril de 1961, no Brasil, que Kennedy acaba, finalmente e depois de muitas negativas e tentativas de se descolar da situação, reconhecendo sua responsabilidade no ataque a Cuba – e no seu fracasso, um fantasma que o perseguirá até o trágico 22 de novembro de 1963.

Fontes primárias:

Correio da Manhã (RJ) - edições de janeiro a abril de 1961.

Diário de Notícias (RJ) - edições de janeiro a abril de 1961.

Jornal do Brasil (RJ) - edições de janeiro a abril de 1961.

Última Hora (RJ) - edições de janeiro a abril de 1961.

Referências bibliográficas:

FARIAS, Déborah Barros Leal. Contextualizando a invasão à Baía dos Porcos. In: **Revista Brasileira de Política Internacional**. n. 51. Brasília: IBRI, 2008.

FURIATI, Claudia. **Fidel Castro: uma biografia consentida**. 4ª ed. ver. ampl. e atual. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

GOTT, Richard. **Cuba: uma nova História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **História contemporânea da América Latina: 1960-1990**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 1993.

HERSH, Seymour. **O lado negro de Camelot**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. 2ª ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

RAMONET, Ignacio. **Fidel Castro: Biografia a duas vozes**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

SZULC, Tad. **Fidel: um retrato crítico**. 2ª ed. São Paulo: Best Seller, 1986.